

Liturgia das horas: Rezando na pandemia no ritmo do coração da igreja

*Joaquim Francisco Batista Resende*¹

Resumo: A Liturgia das Horas é uma oração de louvor que Cristo, unido ao seu Corpo eleva ao Pai e pela qual intercede pela realidade universal da humanidade e de todo o cosmos. O seu sentido teológico está calcado no fato dela ser a maneira conveniente de orar que a Igreja nos ensina. O excessivo acréscimo de conteúdo ao longo da história a sobrecarregou, deslocando-a do ritmo natural das horas e em razão da prevalência da mentalidade clerical, afastou-se do mundo laical. Coube aos padres conciliares, no Vaticano II, promover uma profunda reforma litúrgica na oração das horas e, neste período de pandemia, configura-se como um meio para expressar a unidade da Igreja, por vezes, impedida de reunir-se presencialmente. O objeto desta análise é a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas - IGLH, a partir de pesquisa bibliográfica, procurando captar a importância dos salmos na centralidade da LH e o uso dela como esse elemento de unidade da Igreja em período de pandemia. Concluímos que cada batizado, ao rezar a LH, realiza a oração pública e comum da Igreja (SC 98), que tem a eficácia e a dignidade de ser a oração eclesial por excelência, unida à de Cristo (LC).

Palavras-chave: Liturgia das horas; pandemia; oração da Igreja.

INTRODUÇÃO

A jornada diária do povo israelita conhecia momentos contínuos de oração, desde o amanhecer até o anoitecer. Não havia acontecimentos que não fossem assinalados e acompanhados por uma oração. Esse comportamento herdado, desde o alvorecer cristão, alimentou a fé da Igreja, ancorou a força e coragem dos mártires, a perseverança dos confessores e iluminou todo o caminho dos seus pósteros, que a cada três horas, se coloca diante do mistério.

A Liturgia das Horas é a oração pública e comum da Igreja. Constitui uma privilegiada expressão da função sacerdotal do povo de Deus (IGLH 1). É uma oração de louvor que Cristo, unido ao seu Corpo eleva ao Pai e pela qual intercede pela realidade universal da humanidade e de todo o cosmos, considerando que tudo está contemplado no projeto do amor de Deus. Buscando transformar-se interiormente em templo santo do Senhor e morada espiritual de Cristo, a Igreja assume e apresenta diariamente o seu cântico de louvor, “o hino que eternamente se canta no céu” (SC 83), introduzido por Cristo ao estabelecer a sua tenda entre nós e nesse caminho procura viver “a liturgia, em que a obra de nossa redenção se realiza” (SC 2).

O objeto desta análise é a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas - IGLH, procurando captar a importância dos salmos, poemas de louvor (IGLH 103), compostos a partir

1 Mestre em Teologia Sistemático Pastoral, doutorando PUC-Rio, CAPES, jofranresende@gmail.com

de experiências concretas do povo eleito sob inspiração do Espírito Santo e que têm caráter musical e a sopesar, em virtude das notícias veiculadas durante o período da pandemia, sobre o uso do Ofício Divino pelo povo de Deus. Deus fala-nos em Cristo e no Espírito Santo. Nós respondemos com os salmos, com a própria palavra de Deus. A IGLH é o texto produzido para motivar e orientar a celebração, nos seus diversos aspectos, do Ofício Divino, a oração que a Igreja fez sua e organizou ao longo da sua história, seguindo os ritmos do dia e da noite, santificando toda a jornada diária, posto que é orientada para Deus, mediante a recitação de salmos, hinos, cânticos, preces e orações e da escuta atenta e meditativa da Palavra.

Neste momento em que fomos obrigados isolar-nos por motivos sanitários, o reunir-se da Igreja ocorreu de uma nova maneira e a Liturgia das Horas tornou-se um eficaz instrumento para minimizar o distanciamento e promover o sentimento de pertencimento eclesial do povo de Deus. Com a pandemia fomos chamados a confrontar-nos com uma realidade marcada pelos sinais de finitude. Entretanto, não podemos nos esquecer que o Filho do Homem, ao raiar a madrugada da Páscoa, deu-nos “garantia de que cada instante da vida do homem e do cosmos é destinado a experimentar a novidade do tempo redimido” (SANTANA, 2001, p. 45), e a LH é um sinal sacramental desse tempo novo.

1 NO COMPASSO DO TEMPO, A VIDA SE FAZ ORAÇÃO

O desejo de estar diante do Senhor é legítimo e acompanha todo o caminhar do povo de Deus. Na verdade, “a oração no universo das religiões é um fenômeno universal” (AUGE, 2013, 276). “A oração, mesmo não cristã, é ato religioso de alto valor, que possui suas raízes nas profundezas de todo ser humano como criatura de Deus, independentemente das suas crenças” (RAFFA, 2001, p. 652). A prática da prece foi um dado particularmente significativo para a comunidade judaica, que, a partir da revelação bíblica, produziu o seu esquema de preces e louvores, marcando indelevelmente a sua existência e história, exercendo também influência no ser orante das comunidades cristãs que se seguiram.

A oração de Israel jamais interrompe o ritmo de sua história, “porque sua história é história de sua oração”, porque “ora fazendo anamnese de sua história, e sua história se torna memória em sua oração” (CANALS, 2000, p. 268-269). Os judeus observavam com amor e fidelidade os preceitos religiosos e, durante o dia, em três momentos principais, invocavam a Deus (“de tarde, pela manhã e ao meio-dia” Sl 54,18). A trílice oração de Daniel (6, 10) testifica exemplarmente essa conduta. As palavras ordenadas por Deus para serem inculcadas aos filhos e escritas em umbrais e portas de suas casas, configuram-se como o primeiro esquema oracional do povo judeu: Amarás ao Senhor “teu Deus com todo o coração, com toda a tua alma e com toda a tua força” (Dt 6, 5).

As origens do culto cristão estão alicerçadas no culto hebraico do tempo de Jesus, o fértil terreno em que nasce a oração cristã. Os apóstolos ensinavam a perseverar na oração e a celebrar a fração do pão (At 2, 42). Desenvolve-se uma progressiva singularização identitária. A Didaché nº 8 testemunha a substituição do Shemá pelo pai-nosso, triplamente

rezado durante o dia (MARTIN, 2006, p. 423). No percurso histórico muitas igrejas criaram, organizaram e estruturaram a forma de rezar. “Comum a todos era o ideal da oração horária e o seu conteúdo salmódico” (RAFFA, 2001, p. 653). Martín (2006, p. 421) diz que “a origem da oração das horas deve ser buscada na oração de Jesus e das comunidades primitivas, que observavam os ritmos da oração judaica”.

Não há muitos dados históricos sobre os momentos de oração das comunidades até o século III. Um dos poucos registros é o da Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, que nos legou informações acerca dos momentos reservados à oração nesse período marcado por perseguições e martírios. A paz constantiniana favorecerá o desenvolvimento do Ofício Divino e a estruturação acontece em todos os lugares, com dois modelos principais: a oração em torno do bispo e seu presbitério (eclesial – catedral e paroquial) e o modelo monástico, organizado nos mosteiros, em que a *Regula monasteriorum*, de São Bento de Núrcia, se destaca. O ofício beneditino exerceu uma grande influência e tornou-se o ofício monástico por excelência. A preocupação primeira era justificar os momentos da oração, adequando-os ao simbolismo natural e aos episódios bíblicos, da vida de Jesus ou dos Apóstolos. Ao agregar um valor simbólico-sacramental a cada momento, surge o esboço inicial de uma autêntica teologia do tempo (AUGE, 2013, 279-282).

Com o andar do relógio, a oração das horas foi enfrentando dificuldades. O excessivo acréscimo de conteúdo sobrecarregou de tal forma o compasso, que se deslocou do ritmo natural das horas. Existiram tentativas de solução, como a reforma da Cúria Romana durante o pontificado de Leão IX e o aparecimento do Breviário. Esse passo, porém, determinará a clericalização da oração, mesmo com as reformas parciais promovidas pelos pontífices seguintes. O afastamento paulatino dos fiéis leigos foi um gravíssimo problema, que ainda hoje não foi totalmente solucionado. A LH tornou-se uma oração que a Igreja elevava a Deus por intermédio apenas dos seus ministros e não era mais uma oração de todo o povo batizado. Este cenário se mantém até o Concílio Vaticano II. Coube aos padres conciliares promover uma profunda reforma litúrgica na oração das horas. A reformulação foi apresentada no capítulo quatro da *Sacrosanctum Concilium*. A nova *Liturgia horarum* foi promulgada pela Constituição Apostólica *Laudis Canticum* de Paulo VI, precedida da apresentação dos seus princípios e normas, a Instrução Geral da Liturgia das Horas, o documento que a seguir será analisado.

2 O SINCRÔNICO MOVIMENTO DAS HORAS É ORAÇÃO COM CRISTO

A Instrução Geral da Liturgia das Horas (IGHL) está dividida em cinco capítulos. No primeiro discorre sobre a importância do Ofício Divino na vida da Igreja, no segundo trata da santificação do dia, detalhando o sentido que a oração tem ao longo das horas. O terceiro descreve os elementos que estruturam a LH, enquanto o quarto trata das várias celebrações existentes e previstas no ano litúrgico. O capítulo final é dedicado aos ritos da celebração comunitária.

A LH é um método de oração que nos coloca em horas determinadas em comunhão com Cristo, que nos mantém imersos no mistério pascal. A IGLH (10-11) assevera que a finalidade da oração é “consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diário e noturno do tempo, mantendo uma comunicação permanente com o Senhor, um diálogo salvador. Sendo, portanto, ao mesmo tempo preparação e extensão do sacrifício eucarístico (IGLH 12). “A finalidade básica é a oração, pois não visa ser leitura espiritual, mas prece oficial da Igreja” (FERNANDEZ, 2000, p. 419). A oração das horas é articulada no ritmo cotidiano do tempo objetivando santificá-lo, fazendo memória dos grandes acontecimentos salvíficos. As condições de eficácia são apresentadas exortando para que se tenha cuidado com a disposição interior e a postura exterior, que se deve respeitar o verdadeiro tempo das respectivas horas (*veritas horarum*), considerar a natureza própria de cada uma das partes e adquirir um melhor conhecimento litúrgico e bíblico, principalmente no que se refere aos salmos (SC 90; IGLH 102).

A IGLH traz a compreensão do sacerdócio compartilhado em seu número 13. Ao referir-se ao chamado que a Igreja recebe para glorificar a Deus, congregando todo o seu corpo através da participação capilarizada, que por meio da ação amalgamadora do Espírito associa a todos os homens na obra da redenção humana, a Instrução dá um tónus especial às dimensões eclesial, pneumatológica, trinitária e cristológica. É, portanto, nessa união ontológica que o corpo de Cristo, a Igreja, torna-se um orante ao Pai, com Cristo no Espírito e toda oração humana e cristã fica indissociavelmente unida a Ele, o único mediador. O documento dá à LH um cunho de celebração ao lado dos sacramentos, valorizando o sacerdócio comum dos fiéis. Assim, cada fiel assume em sua voz a prece do próprio Cristo ao Pai e, mesmo feita isoladamente, tem a prerrogativa de ser a prece de todo o Corpo, posto que ela agrega os aspectos objetivo, é a obra da redenção humana realizada por Deus e o subjetivo, é a resposta humana a Deus concretizando os vértices ascendente (louvor e culto a Deus) e descendente (santificação), “que continuam sendo ação de Cristo, compartilhada pela Igreja” (ALDAZÁBAL, 2010, p. 38). Cristo está presente no meio da comunidade orante e as súplicas, louvores e intercessões são elevadas à categoria de oração do povo eleito pela força epiclética do Espírito.

2.1 O CORAÇÃO DA LITURGIA DAS HORAS É O SALTÉRIO

A concepção linear da história é afirmada pelo povo hebraico onde se distinguia de um tempo de espera a um tempo de presença até um tempo futuro. O tempo histórico de Israel é vivido com o intervento pontual de Deus. Esses espaços, temporal humano e cósmico, são compreendidos a partir da história de fé e alcançam a pleroma com a inserção histórica de Deus (Gl 4.4). A liturgia funda-se sobre uma ordem temporal que lhe é própria, um tempo transcendente da *kenosis* de Cristo, a medida do tempo histórico.

A relação com o Cristo orante da Palavra proporciona à Igreja degustar a excelência e a eficácia do Ofício Divino, perpetuando a experiencia celebrativa do memorial salvífico e a oração dos salmos. O culto perfeito prestado por Cristo ao Pai prossegue na Igreja por meio da Liturgia das Horas como *opus Dei* e não *opus hominis*, “porque é um louvor que sai do seio do Pai, passa pelo Verbo Encarnado, continua na Igreja e ainda volta de novo ao Pai”

(CERIANI, 1964, p. 182). “Foi no coração e nos lábios de Cristo que os salmos adquiriram todo o seu sentido”(MARTIN, 2006, p. 450).

O tempo todo e toda a existência se transformam em “*kairós*” (tempo da graça), pela presença salvífica do Senhor. O tempo eterno irrompe no tempo cronológico. “*El tiempo de Jesús como centro del tiempo [...] um tiempo ideal, irrepetible, um tiempo que se debe recordar con actitud edificante*”. (GNILKA, 1998, p. 212). A Liturgia das Horas torna-se uma “escola de aprendizagem para orar cristãmente” e uma fonte de fecundidade apostólica, cujo coração é o saltério, uma vez que é a oração do próprio Cristo com o seu corpo. É oração com Cristo:

‘Ele incorpora a si toda a comunidade humana, de modo que existe íntima relação entre a oração de Cristo e a oração de todo gênero humano’ e de uma maneira especial associa a si os que formam parte do seu Corpo, a Igreja (cf. IGLH 6-7). A nossa oração é assim ‘a voz da Esposa que fala com o Esposo, ou melhor, é a oração de Cristo com o seu Corpo que é dirigida ao Pai’ (SC 84). “É necessário, portanto, que, enquanto celebramos o Ofício, reconheçamos o eco das nossas vozes na de Cristo e a voz de Cristo em nós. A nossa oração recebe a sua unidade do coração de Cristo” (Paulo VI, *Laudis canticum*)” (AL-DAZÁBAL, 2013, p. 209).

Os salmos são o principal conteúdo da Liturgia das Horas, acompanhado de outros elementos verbais como cantos bíblicos, leituras bíblicas, patrísticas, dos santos, do magistério, com seus responsórios (COSTA, 2007, p. 29). O coração da espiritualidade litúrgica está centrada no saltério, alimento primário e insubstituível da oração cristã. Os salmos são poemas compostos a partir de experiências concretas do povo eleito sob inspiração do Espírito Santo, “têm caráter musical que determina a maneira conveniente de dizê-los”(IGHL 103). Os salmos são o *spalla*² da sinfonia diária. São um instrumento ideal para obter a compunção, quietude, lágrimas e silêncio interior. Favorecem o verdadeiro espírito de cada uma das partes da Liturgia das Horas, funcionam como fator de coesão – coração e voz e intensificam e fortalecem o seu caráter eclesial. Constituem a parte mais importante e a caracterizam como oração de louvor, “a Igreja fez da Sagrada Escritura, e especialmente dos salmos, as entranhas da liturgia e do ofício divino”, a “confissão da aliança de Deus com o homem na forma de poemas e preces”(FERNANDEZ, 2000, p.420-425).

2.2 ORGANIZAÇÃO ATUAL DA SALMODIA

Martimort (1987, p. 92) registra que os salmos constituíam a parte essencial da Liturgia das Horas, já a partir do século IV, quando ela foi estabelecida como oração comunitária. Em sua organização, “as orações da manhã e da tarde possuíam salmos, adequadamente escolhidos, que o povo sabia de memória”. Após a *Sacrosanctun Concilium*, esses mesmos dois momentos foram priorizados e considerados fundamentais para fazer memória dos grandes

2 Spalla é o primeiro violino que comanda o conjunto depois do maestro, numa orquestra.

benefícios divinos: as horas canônicas tradicionais das preces litúrgicas à base dos salmos. “As Laudes como oração da manhã, e as Vésperas, como oração da tarde, constituem como que os dois polos do ofício cotidiano”(IGLH 37).

O dia, nas suas alternâncias de luz e trevas, anoitecer e amanhecer, nos concede a exata noção do tempo. Nesta cronologia embarcamos transpondo-nos para um tempo em que a história se torna *kairós*, tempo favorável do culto e da santificação, da mesma forma como aconteceu na vida de Jesus (CASTELLANO, 2000, p. 376-377). Auxiliados pelos salmos, escritos para serem cantados pelo Povo de Deus em memória das maravilhas da Salvação, santificamos e consagramos a jornada diária como realidade fundamental da nossa existência. O Ofício Divino tem o mérito, como realidade simbólico-sacramental, de nos situar no coração do Ano Litúrgico. O tempo cronológico marca a verdade, posto que é o sinal sensível da liturgia em relação à lembrança do mistério celebrado.

As Laudes evocam para o cristão a vitória de Cristo sobre a escuridão do pecado, que fez renascer para a luz todo o gênero humano. O raiar do sol faz a vida ressurgir, dando forma e cor às coisas. O ser humano, restaurado pelo repouso noturno, retoma as suas atividades (IGLH 38). Em prosseguimento histórico desse condão que conecta o povo ao seu Deus, a Igreja, à luz do sol nascente, unida em oração, se volta para o mistério salvífico da ressurreição e sob o apanágio dessa luz, começa o dia louvando e suplicando por Cristo, no Espírito, ao Pai: “Desde a manhã, ó Deus, te apresento a minha oferenda e fico à tua espera” (Sl 5,4).

Ao anoitecer, ainda vigilante, confiante no brilho da luz que nunca se apaga, coloca-se diante do mistério para dar graças pelo dia vivido. A esperança escatológica de que a graça e a luz de Cristo alcançam a todos é a força motriz para a celebração das Vésperas, quando o astro luminoso da tarde gradativamente se visibiliza em meio as sombras do dia que declina. Recordar-se da morte de Cristo na cruz e a transitoriedade da vida. Com o crepúsculo o ser humano de fé faz memória do sacrifício vespertino de Jesus, sua morte e sepultamento e exprime “à espera da bem-aventurada esperança e do advento definitivo do reino de Deus”(RAFFA, 2001, p. 658), a última vinda de Cristo (Lc 12, 35-40). Em profundo respeito e ciente da sua falibilidade, a Igreja apresenta as suas preocupações, reconhece as suas imperfeições e pede perdão a Deus. Os pecados dos seus filhos são postos sob a misericórdia divina, em prece, para que a lembrança do sacrifício supremo do Salvador seja o bálsamo diário a impulsionar a comunidade eclesial em direção ao reino de Deus.

Os traços de cunho simbólico contemplativo (não discursivo) na consciência oracional da Igreja e da sabedoria de toda a sua reflexão, dão as orações da manhã e da tarde uma dimensão que não é própria de todas as religiões, elas são inseridas no campo da contemplação simbólica e cristológica. O homem pós-moderno, diante do contexto cultural e histórico em que foram compostos, encontra dificuldades na linguagem simbólica dos salmos, mas descobre o remédio no próprio Espírito que inspirou os poetas, que o ajudará a obter a consciência do sentido pleno, como fruto do Espírito (IGLH 100-109).

A Instrução Geral orienta a necessidade de uma formação bíblica correta, principalmente de uma iniciação litúrgica aos salmos, para compreender de que modo e com que método eles devem ser rezados (IGLH 102). Relata que é preciso ir percorrendo “versículo por versículo, meditando um após outro, sempre disposto em seu coração a responder como exige o Espírito que inspirou o salmista”, e que “assistirá igualmente as pessoas devotas, dispostas a receber sua graça” (IGLH 104). A chave hermenêutica cristológica é a melhor para compreender a Liturgia das Horas, pois Cristo, o Sumo Sacerdote e Mediador, é o orante supremo diante do Pai (ALDAZABAL, 2010, p. 29).

As dimensões anamnética, epiclética e escatológica estão presentes em todas as celebrações. Na Liturgia das Horas há uma sinfonia de correspondência, os salmos nos auxiliam a viver todas essas dimensões, “encerram uma sombra daquela plenitude dos tempos que se revelou em Cristo” (IGLH 101). As dimensões trinitária, eclesial e antropológica de toda ação litúrgica também estão presentes, inseridas no diálogo da salvação e no mistério pascal.

O sentido teológico da liturgia das horas está calcado no fato dela ser a maneira conveniente de orar que a Igreja nos ensina, “sendo ao mesmo tempo pessoal, comunitária e eclesial, imprime ritmo aos diversos momentos do dia e celebra a globalidade do mistério da salvação no amplo leito do ano litúrgico” (CASTELLANO, 2008, p. 339). “Com as palavras do salmo poderemos orar com mais facilidade e fervor”, embora ele “não seja uma oração do mesmo estilo das preces ou uma oração” pois “quem salmodia não o faz em seu próprio nome”, mas o faz “em nome do Corpo de Cristo, e ainda na pessoa mesma do próprio Cristo”, expondo todo o caráter eclesial já proposto pelo apóstolo Paulo aos romanos: “Alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram” (Rm 12, 15) (IGHL 105-108).

A Igreja atualiza o mistério salvífico ao rezar a liturgia das horas, a celebração da luz. Fazendo referência à luz sensível, busca a luz sem fim (COSTA, 2007, p.24). Os salmos, enquanto orações, “constituem manifestações da alma e da fé, em que todos se podem reconhecer e em que se transmite a experiência particular da proximidade com Deus a que cada homem é chamado” exorta o Papa Bento XVI (2012, p.45). O ritmo e a centralidade no mistério de Cristo nos permitem experienciar viva e eficazmente a graça da redenção. A espiritualidade dessa oração está centrada na luminosidade percorrida desde o primeiro impulso matutino do coração até o deixar-se ficar repousando no Senhor. Essa vigília contínua assinala o trajeto que coloca o orante em perfeita conexão escatológica, em busca do dia que não tem fim. “Por meio dele ofereçamos continuamente um sacrifício de louvor a Deus, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome” (Hb 13, 15).

3 ELEMENTO DE UNIDADE DA IGREJA EM PERÍODO DE PANDEMIA

A Liturgia é uma ação ritual que nos propõe questionar o automatismo prevalente em nossas vidas, permite mudar o tom, o rumo da nossa existência, inserindo-nos em um campo próprio, pois institui “um espaço comunitário que une Cristo e Igreja, mostra os limites de toda compreensão que vise privatizar ou publicizar a fé” (GRILLO, 2014, p. 14). Ao rezarmos

a LH, entramos em uma profunda união com Jesus Cristo e, conseqüentemente, por esse meio, com toda a Igreja, o Corpo de Cristo.

O Concílio Vaticano II recomendou aos leigos a necessidade de recitar a LH “em comum com os sacerdotes, entre si ou mesmo individualmente” (SC 100) e afirmou que especialmente pelo desempenho do ofício divino, fora da missa, a Igreja continua a exercer o seu papel sacerdotal, quando “louva o Senhor sem interrupção e ora pela salvação de todo o mundo” (SC 83). Faz-se urgente evidenciar esta riqueza de podermos realizar um banquete litúrgico, mesmo com a ausência do presbítero, com a Palavra de Deus e como foi reafirmado na abertura deste Congresso, pela Ir. Penha Carpanedo e o prof. Grillo, a liturgia não é somente a Eucaristia, mas toda e qualquer celebração da Palavra, da Liturgia das Horas, de bênçãos domésticas, de celebrações de exéquias.

A pandemia acelerou um processo que vinha dando passos na dinâmica litúrgica da Igreja: o uso das mídias sociais. Vivenciamos neste período pandêmico situações várias em que ficaram expostas desde o cuidado com as celebrações às deficiências ou vícios de muitos presbíteros, demonstrando fragilidades na formação litúrgica-teológica de alguns. Dom Hernaldo Farias, no artigo “A Eucaristia em tempos de pandemia” (2020, p 50) diz que esta é a questão mais preocupante. Ele assinala que as transmissões têm veiculado teologias e formas litúrgicas personalistas, além de “não primarem pela discrição e decoro, perfeição e eficácia (SC 20; IM 14), por causa das improvisações e amadorismos”.

O estímulo ao uso da LH pelo povo de Deus não foi priorizado. O embate pelos “likes” nas transmissões midiáticas tomou um vulto desnecessário, preocupante. As formas criativas para atrair telespectadores, a chuva de e-mails solicitando adesão às contas das paróquias e as mensagens via WhatsApp corroboram o modismo prevalente. Há que se registrar que é natural e compreensível que todos os fiéis queiram assistir as transmissões da sua paróquia, embora tenhamos veículos que já façam isso para todo o território nacional. As questões litúrgicas concernentes a estas celebrações estão sendo debatidas, analisadas, ponderadas. Não cabe aqui e não é nosso intento fazer julgamentos. Porém, não podemos deixar de registrar que a Igreja perde uma excelente oportunidade de efetivar a devolução ao povo do Ofício Divino, desejo do Concílio Vaticano II.

O Ofício Divino é memorial do exercício do sacerdócio de Cristo e tem caráter sacramental, uma vez que atualiza a mediação do Verbo Encarnado, o qual viveu a comunhão íntima com Deus (BECKHÄUSER, 2004, p. 109). Ao continuar a oração redentora de Cristo, através da atualização no hoje aquilo que recordamos sob o poder do Espírito Santo, a Igreja torna-se sinal orante e esse louvor “será a alegria eterna de nossa vida futura. Ora, ninguém pode tornar-se apto para a vida futura se, desde já, não se prepara para ela”, nos diz Santo Agostinho ao comentar o salmo 148 (1998, p. 623-633).

Não se trata de elaborar novas formas, novos cânones da experiência ritual da fé cristã, mas reconhecer e valorizar a oração da Igreja – LH - proposta para a participação de todos no louvor mútuo das pessoas divinas, vitalizada pelo Espírito Santo e que demonstra a força

de coesão no corpo místico. A LH prolonga no tempo a potencialidade santificadora, impregnando todas as horas através do louvor e da contemplação. Aqueles que se abrem à moção do Espírito criam em si as condições para receber “por meio da LH uma grande força” capaz de auxiliá-los plenamente no caminho da perfeição (RAFFA, p.669) e “como oração pública da Igreja, é fonte de piedade e alimento da oração pessoal” (SC 90).

No artigo já mencionado, Dom Hernaldo questiona se não perdemos uma oportunidade única de repensarmos e revalorizarmos a liturgia da Igreja doméstica e pergunta se ao invés de transmitir práticas litúrgicas duvidosas ou manipular a Eucaristia de diversas formas não seria o caso de incentivar os leigos a alimentarem a fé através da oração das horas. Partilhamos desse mesmo sentimento, pois nos unimos aos mistérios de Cristo quando recitamos a LH e “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, sacramento da unidade, povo santo reunido ordenadamente em torno do bispo” (SC 26).

O estímulo ao uso, evidenciará a LH como um elemento de unidade da Igreja, uma vez que fará cada pessoa entrar em um profícuo diálogo orante, numa atitude de prontidão e de escuta. É uma fonte fecunda para uma perfeita conformação cristológica e consequente adesão e prestação de serviço ao Reino de Deus. Não podemos esquecer que a LH está intimamente ligada à celebração eucarística, fonte de vida e expressão da comunidade eclesial.

CONCLUSÃO

A reforma feita no Concílio Vaticano II recuperou as grandes perspectivas da oração bíblica no corpo da oração comunitária da Igreja, adotando o nome oficial de Liturgia das Horas e trazendo de forma clara e precisa o seu valor teológico, espiritual e pastoral na vida cristã. Tornou-se claro que a escolha da expressão indica o desejo de retomar e retornar àquela propriedade das origens, quando o ofício divino era compreendido como a oração de todos os fiéis cristãos.

A Liturgia das Horas é, portanto, a oração de todo o Povo de Deus. “Tem a eficácia e a dignidade de ser a oração eclesial por excelência, unida à de Cristo” (ALDAZABAL, 2010, p. 209) e aponta para o anseio de plenitude, alcançado no mergulhar nas águas mansas e pacificadoras do mistério, quando se vive a dimensão sagrada do tempo conduzidos pelos salmos, cânticos de louvor “sempre repetidos pela Igreja, durante tantos séculos, constante e fielmente, na maravilhosa variedade de suas formas” (LC, §1º).

Deus fala-nos em Cristo e no Espírito Santo. Nós respondemos com os salmos, com a própria palavra de Deus. Cristo não cansa de envolver-nos com a ternura do seu Espírito celebrando conosco a história da salvação. Na Liturgia das Horas esse movimento marca a contínua irrupção do Ressuscitado no nosso tempo mortal, instante em que participamos e tornamos presente a liturgia eterna e como afirma COSTA (2007, p. 24), a Liturgia das Horas nos faz passar do signo da luz sensível para o esplendor da luz pascal.

Em tempo de sofrimento, como o que vivemos, urge valer-nos da força exalada na oração da Igreja, quando sabemos que estamos intimamente ligados aos outros mundo afora, pois compartilhamos dessa comunhão: O Senhor é meu pastor, a quem temerei?

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S., Comentário aos Salmos. Salmos 101-150. São Paulo: Paulus, 1998.
- ALDAZÁBAL, J., Instrução geral sobre a liturgia das horas / comentários de J. Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2010.
- ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AUGÉ, M., Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- BECKÄHUSER, A., Os fundamentos da Sagrada Liturgia. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BENTO XVI, O homem em oração. São Paulo: Quadrante, 2012.
- BIBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- CANALS, J., A oração na Bíblia. In: BOROBIÓ, D., A celebração na Igreja III, ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000.
- CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CASTELLANO, J., Teologia e espiritualidade da Liturgia das Horas. In: BOROBIÓ, D., A celebração na Igreja III, ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000.
- CERIANI, G. Commento al quarto capitolo. In: CERIANI, G. (org.). La Costituzione sulla sacra liturgia presentata ai fedeli. Milano: Massimo. Didascaleion, 1964, p. 176-201.
- CLEMENT, O., Fontes: Os místicos cristãos dos primeiros séculos. Textos e comentários. Juiz de Fora: Subiaco, 2003.
- CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CORBON, J., A fonte da liturgia. São Paulo: Paulinas, 2014.
- COSTA, V., Liturgia das Horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FARIAS, D. H. P. A Eucaristia em tempos de pandemia: Considerações de um pastor. Revista *Teopraxis*, v.37 (129), 49-60. Disponível em <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.8> Acesso em 27.08.2021
- FERNÁNDEZ, P., Elementos Verbais da Liturgia das Horas. In: BOROBIÓ, D., A celebração na Igreja III, ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000.
- FLORES, J., Introdução à Teologia Litúrgica. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GOENAGA, J., Sentido das estruturas da Liturgia das Horas. In: BOROBIÓ, D., A celebração na Igreja III, ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000.
- GNILKA, J., Teologia del Nuevo Testamento. Madri: Editorial Trotta, 1998.
- GRILLO, A. Liturgia, momento histórico da salvação, v. 2. Brasília: CNBB, 2014.
- MARTIMORT, A.G., *Introducción a la liturgia*. Barcelona: Herder, 1987.

MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAULO VI, PP. Constituição Apostólica *Laudis canticum*. In Liturgia das Horas. Rio de Janeiro: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave-Maria, 1999. v. 1.

RAFFA, V., Liturgia das Horas. In: TRIACCA, A. M.; SARTORE, D. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 2001, p. 651-670.

SANTANA, L., A liturgia das horas como memorial de Cristo e santificação do tempo. Rio de Janeiro: *Lumen Christi*, 2001.